

“Mordomos do Conhecimento”

23 de abril de 2016

Introdução

É chegada a altura da Igreja Adventista celebrar, uma vez mais, o Dia Mundial da Educação Adventista. Este dia anual permite-nos, enquanto uma grande família que somos, refletir sobre a Educação das nossas crianças e jovens e louvar ao Senhor, em agradecimento e em súplica, pela Sua orientação nesta nobre tarefa que é a de **“Educar para a Eternidade”** as crianças e os jovens dos Lares, das Igrejas e das Escolas.

Nunca é demais lembrar a estreita ligação entre a história da Igreja Adventista e o seu projeto educativo. É com enorme alegria e com sentido de responsabilidade que identificamos a Educação como parte inerente e insociável da identidade do nosso movimento. Sim, a Educação é um importante meio evangelístico que a Igreja nacional e mundial possui e que muito tem contribuído para a pregação do Segundo Advento e para a transformação e conversão de muitas vidas. Neste sentido, como é gratificante saber e sentir que 1 milhão, 814 mil e 810 alunos estão a ser, diariamente, ensinados do Senhor nas 7 mil e 842 escolas adventistas espalhadas pelo mundo e que milhões de outras crianças são igualmente educadas nos Lares e nas igrejas Adventistas!

É, por estas razões, que faz sentido celebrar este dia, refletindo e reiterando o nosso compromisso individual e coletivo com esta importante Obra. Deus tem-nos chamado a servir e a educar, Ele nos tem dado esta enorme responsabilidade e oportunidade. Tem-nos ainda dado diretrizes, conselhos, estratégias, ferramentas e instituições para que a educação no Lar, na Igreja e na Escola seja uma só e que estas três vertentes se complementem.

Se, enquanto Igreja nacional, temos o propósito neste quinquénio de **“Viver mais”** e se estamos focados neste ano de 2016 no mote e no desafio de sermos **“Chamados a Servir”**, saibamos explorar este importante braço do trabalho evangelístico e de serviço do nosso movimento.

Gostaríamos de, nesta manhã, vos desafiar a uma reflexão sobre a temática da Educação. Mas antes de o fazermos, convidamos a nos unirmos em oração para, além de pedirmos a benção e a direção divina para este importante momento do culto, agradecermos a Deus pelas crianças e jovens que Ele nos tem confiado e pelas instituições de ensino adventistas em Portugal e no mundo.

Oração de gratidão e súplica pelas crianças e jovens e pela sua educação

Desenvolvimento

Certamente que conhecemos, ou pelo menos já ouvimos falar do **Talmude**, um livro sagrado para os Judeus, onde estão registadas as discussões rabínicas sobre a lei, a ética, os costumes e a história do Judaísmo. Entre os muitos conselhos contidos no Talmude e que estão associados à nobre e importante tarefa de educar, encontramos o seguinte: “**O sábio sempre quer aprender, o néscio sempre quer ensinar**”. Como nos posicionamos nós perante este assunto da educação? Como sábios que precisamos de aprender ou como néscios que simplesmente queremos é ensinar?

Ora, segundo o Talmude, e fazendo uso de um imaginário por todos bem conhecido, o dos utensílios de cozinha, existem **quatro tipos de estudantes**. Vejam quão atual e pertinente se apresenta esta analogia. O primeiro é o estudante **ânfora ou esponja**, aquele que, por curiosidade, absorve e retém tudo quanto aprende, seja bom ou mau, de utilidade ou não. Ele pura e simplesmente absorve tudo, mesmo tudo! O segundo é o estudante **funil**, aquele que não retém nada ou que, pelo menos, não faz uso do que aprendeu. Ele escuta, participa, aparenta perceber mas, no fim, continua vazio, não conseguiu ou não quis reter conhecimento nem muito menos aplicá-lo à sua vida diária. O terceiro é o estudante **coador**, que retém apenas o supérfluo e o descartável. Quantos de nós, alunos do passado ou do presente, somos assim! Retemos o conhecimento que nos interessa, mesmo não sendo o de que necessitamos! Por fim, o último tipo é o do estudante **peneira**, aquele que retém apenas o essencial, o mais importante e significativo para a sua vida.

Ora, a pergunta que se impõe é perceber que tipo de estudante temos sido ou fomos um dia. Mas vamos mais longe, levantando a questão pertinente: que tipo de estudante queremos que os nossos filhos, crianças e jovens da Igreja e alunos venham a ser no futuro imediato? Estudantes cristãos ânfora/esponja, funil, coador ou peneira? A experiência, o senso comum, a própria História dizem-nos que importa sermos e educarmos as nossas crianças e jovens para serem estudantes peneira, que saibam reter e armazenar os melhores conhecimentos, as mais significativas práticas e vivências. Mas há que respeitar cada indivíduo e considerar cada um de acordo com o seu potencial individual, as suas capacidades e ritmos diferentes de aprendizagem.

Em suma, o Talmude relembra-nos que devemos ser sábios, desejar aprender continuamente, certos de que tudo quanto aprendermos e fizermos, fará parte do nosso percurso de vida, da nossa história. Por outro lado, relembra-nos ainda que devemos peneirar o nosso conhecimento, as nossas vivências. Tal ideia é de forma sábia transmitida pelas Sagradas Escrituras: “**Examinem tudo: e assim guardem o que é bom e fujam de tudo o que é mau**” (I Tessalonicenses 5:21).

Sim, enquanto Adventistas do sétimo dia e presumíveis **mordomos do conhecimento**, precisamos deste pressuposto, devemos aprender continuamente, examinando tudo, retendo o bom e fugindo do que é mau.

Estamos nós a ser verdadeiramente mordomos do conhecimento que possuímos enquanto povo Remanescente, o povo da Palavra? Estamos nós a viver e a aplicar esse conhecimento, ou ele é meramente um conhecimento teórico e acadêmico? Como temos nós educado os nossos filhos?

Talvez alguns dos nossos irmãos ou visitas se estejam a interrogar do porquê da designação de mordomos, da utilização deste conceito neste contexto de educação e de construção e transmissão de conhecimento. Na verdade, estamos formatados para associarmos a Mordomia à gestão equilibrada dos nossos bens e do nosso tempo, mas podemos e devemos associá-la também à gestão dos nossos relacionamentos, da nossa comunicação e do conhecimento que adquirimos e transmitimos. Assim, começa a fazer sentido a pergunta: **estamos nós a ser fiéis mordomos do conhecimento transmitido por Deus e na tarefa de educarmos os nossos filhos?**

Importa definirmos também este conceito. **Conhecimento** (do latim cognoscere, "ato de conhecer") é o ato ou efeito de conhecer, é ter ideia ou a noção de alguma coisa. É o saber, a instrução e a informação. Automaticamente estes conceitos se misturam e é-nos difícil estabelecer fronteiras entre eles. Por exemplo, a **sabedoria** é o conhecimento aplicado com inteligência. É o dom que nos permite discernir qual o melhor caminho a seguir, a melhor atitude a adotar nos diferentes contextos que a vida nos apresenta. Já a **instrução**, nos remete para um conjunto de indicações, para a utilização de algo ou então a síntese de como fazer alguma coisa. Quem instrui, ensina. O quê? Um conjunto de conhecimentos ou o saber. Por fim, a **informação**, é o conhecimento registado, tudo aquilo que possa representar notícia e ser comunicado. No passado, o conhecimento era algo de importante e fundamental, hoje esse lugar é muitas vezes ocupado pela informação. Quão afastados já estamos nós do pensamento do político, filósofo, ensaísta, considerado por muitos como o pai da ciência moderna, Francis Bacon, que disse que "o conhecimento é poder".

Sim, o conhecimento é a soma de todos os pensamentos, criações e invenções. Existem vários **tipos de conhecimento**: o **Sensorial**, aquele que é obtido através das nossas experiências sensitivas e fisiológicas; o **Intelectual**, que pressupõe raciocínio e lógica; o **Vulgar ou Popular**, aquele que não pressupõe reflexão, pois resulta do senso comum, das tradições e da cultura dominante; o **Científico**, aquele que resulta da apuração e da constatação, que discorre de provas concretas, cujos alicerces estão na metodologia e na racionalidade; o **Filosófico**, aquele que está ligado à construção de ideias e conceitos, que se dedica a olhar e a refletir sobre a condição humana; o **Religioso ou Teológico**, que resulta da fé e é fruto da revelação divina; e, por fim, o conhecimento **Declarativo**, aquele que se refere a coisas estáticas e paradas. Mas, segundo a nossa compreensão bíblica, existe mais um tipo de conhecimento, o conhecimento **Relacional**. O significado bíblico de "conhecer" aponta claramente para um ato relacional, para uma relação, seja esta com o próximo, ou então com Deus. Neste contexto, é primordial um conhecimento relacional com o divino que se torne evidente no comportamento cristão. Quem conhece a Deus está perante um conhecimento muito mais vasto do que o mero conhecimento

sensorial, intelectual ou religioso, está sim perante um conhecimento que resulta de uma ligação afetiva forte, coerente e duradoura.

Mas afinal qual é a origem do conhecimento? Que fontes existem de conhecimento? E o que fazer com o conhecimento?

As Sagradas Escrituras são claras a este propósito: **“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”** (Provérbios 9:10). De acordo com os escritos proféticos de Ellen G. White **“O conhecimento verdadeiro tem a sua origem na fonte de toda a sabedoria - Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo - e na revelação feita através de Jesus Cristo, das Sagradas Escrituras, da natureza e da iniciativa divina de colocar no ser humano uma abertura para o transcendente, permitindo-lhe ouvir o chamado de Deus.”** (*Pedagogia Adventista*, p. 36). Assim sendo, as fontes de conhecimento são: a Bíblia, a Natureza e a racionalidade humana. Ellen G. White explica que **“O conhecimento da natureza, o conhecimento de Deus e do Seu amor, as grandes verdades espirituais e a formação do caráter integraram o primeiro currículo planeado por Deus”** (E.G.W., *Educação*, p.17). Mas, em resultado do Grande Conflito e segundo a cosmovisão teísta, o homem, inicialmente perfeito, por ação do pecado tem assistido à sua degeneração física, cognitiva, espiritual e social. Como ser caído, corrompido, o ser humano apresenta agora um conhecimento finito e limitado. Tal situação, associada ainda à tendência natural de afastamento do Senhor e à ambição humana, tem conduzido os homens ao **“conhecimento que lhes trará glória, exaltação própria e supremacia.”** (E.G.W., *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 12). Cuidado com esta postura, tantas vezes velada mas outras tantas vezes tão explícita e consciente!

O Espírito de Profecia alerta: **“Os que procuram a educação que o mundo tem em tão alta estima, são gradualmente levados para mais longe dos princípios da verdade, até que se tornam mundanos educados. Por que preço adquiriram sua educação? Separaram-se do Espírito Santo de Deus. Preferiram aceitar o que o mundo chama saber, em lugar das verdades que Deus confiou aos homens mediante Seus ministros, apóstolos e profetas.”** (E.G.W., *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 16).

É chegado então o momento de nos questionarmos sobre o que fazer com o conhecimento que temos. Seguramente seguir o conselho do Talmude, sermos alunos peneiras, aqueles que peneiram o conhecimento retendo o essencial, tal como a peneira retém o melhor da farinha. Sim, é verdade, mas temos que ir mais longe, temos que ir à fonte, às Sagradas Escrituras. O que é que Deus nos diz sobre o conhecimento e como devemos agir?

Estudemos primeiramente o Velho Testamento, mais concretamente o capítulo 6 do livro de Deuteronômio, o célebre **Shemá** judaico.

“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás

como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.” (Deuteronômio 6:4-9)

Antes de passarmos à análise deste importante texto, importa contextualizar e definir o seu propósito. E isso é-nos dito nos dois primeiros versículos do capítulo 6: **“Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o Senhor, teu Deus, se te ensinasse, para que os cumprisses na terra a que passas para a possuir; para que temas ao Senhor, teu Deus, e guardes todos os Seus estatutos e mandamentos que eu te ordeno, tu, teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados.”**

Eis o conhecimento fundamental a reter, os estatutos do Senhor, o caminho para a felicidade e para uma vida plena de sentido e de esperança. Uma advertência, um caminho, um conselho intergeracional, dirigido aos pais, aos filhos e, certamente também aos professores e oficiais de Igreja.

Mas que conselhos são estes? Em primeiro lugar devemos reconhecer que **“O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”**. Somente Deus, e nada mais, deve merecer a nossa adoração e louvor. O monoteísmo, foi uma profissão de fé para o povo hebreu e igualmente o é para nós cristãos Adventistas do Sétimo Dia de hoje que aceitamos a Criação deste mundo em seis dias literais de vinte e quatro horas em que este único Deus, pela ação da sua Palavra e poder infinitos, tudo criou. Quanto respeito, veneração e adoração merece este Deus! A Ele tudo devemos, por isso: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” (Apocalipse 14:7).

O texto continua e o convite é: **“Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o coração, de toda a tua alma e de toda a tua força”**. A palavra amar implica “desejo”, “afeição”, “inclinação” mas também a mais íntima união entre duas almas. A relação que Deus tem e espera dos Seus filhos é uma relação de íntimo e verdadeiro amor. O amor de Deus é o princípio fundamental da Sua lei. E quando somos convidados a amar a Deus e de todo o nosso coração, isso significa obedecer-lhe, de forma espontânea, em reconhecimento e gratidão pelo que fez e faz por nós. A palavra coração representa a fonte de ação e o centro dos pensamentos e sentimentos. Mas o repto é o de amar ainda **“de toda a tua alma e de toda a tua força”**. Segundo o Comentário Bíblico Adventista, vol. 1, a palavra traduzida como “alma” denota a vida, mas inclui também os apetites e desejos do corpo. Entende-se que devemos amar com todo o nosso ser. Já a palavra traduzida como “força” provém de um verbo que significa “aumentar”. O substantivo significa abundância e pode referir-se ao que alguém pode acumular na vida. Sim, o amor de Deus pode e deve ser vivido, experimentado e acumulado.

Prosseguindo na análise do texto: **“Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração”**, ou seja, estes mandamentos, estes estatutos que te asseguram sentido à vida e esperança na vida eterna, estejam sempre na tua memória, sejam um conhecimento não somente teórico mas também prático. **“... tu as inculcarás a teus filhos”** ou seja, tu ensinarás a teus filhos os meus mandamentos, lhes transmitirás esse conhecimento. O uso

do verbo inculcar, que significa “afiar” ou “aguçar”, mostra o quão grande é a responsabilidade dos pais em instruir os seus filhos, dia após dia. Este deve ser, por isso, um trabalho claro, incisivo e intencional. Mas, quando e de que forma, devem os pais ensinar os seus filhos? “... **e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te**”. De forma simples e direta, devemos ensinar os nossos filhos continuamente, a toda a hora, em todo o momento e em qualquer lugar. É no entanto visível a importância de, em casa, os pais tomarem tempo para estarem com os seus filhos, para falarem juntos, para partilharem os seus sonhos, os seus projetos, os seus medos e as suas perplexidades. Curioso que a forma é-nos sugerida: “**assentado**”, ou seja, uma ocasião de pausa, de disponibilidade total. Qual será o momento de pausa, de disponibilidade total, em que estamos “assentados” com os nossos filhos, com a nossa família? Durante as refeições? Sim, mas com ou sem distrações por perto? Será durante o Culto Familiar? Certamente que este é um momento privilegiado para ensinarmos os estatutos divinos, para construirmos o conhecimento dos nossos filhos. Mas haverá outras ocasiões, certamente! Importa é que a TV, o telemóvel, o tablet, o PC, a Consola de jogos, estejam desligados e longe das mãos, caso contrário a atenção e a concentração, seja dos pais, seja dos filhos, é condicionada.

Mas também nos é sugerido que o façamos “**andando pelo caminho**”. Poucos de nós se deslocam a pé, provavelmente a maioria das nossas deslocações são feitas em transportes públicos e/ou em viaturas próprias. Seja como for, é-nos sugerido que os momentos que passamos com os nossos filhos, seja “andando pelo caminho”, entende-se a pé, seja de carro ou de outro meio de transporte, sejam de transmissão de conhecimentos, de diálogo, de reflexão, de partilha. Para que isso aconteça é necessário diálogo, conversação, interesse pelo outro, saber escutar, saber falar, saber amar.

Mas o versículo sugere ainda dois momentos importantes do dia para que esse contacto, entre pais e filhos aconteça: “**ao deitar-te, e ao levantar-te**”. Sim é pela manhã que a mente e o corpo, a não ser que o repouso não tenha sido o suficiente e o necessário, estão disponíveis para, tal como uma boa esponja ou ânfora, receberem o bom e proveitoso ensinamento. É neste momento do dia que sabemos que faz sentido falarmos com o nosso Deus, sejam orações individuais ou em família. É o começo do dia, é a oportunidade de dizermos a Deus o quanto o amamos, o quão agradecidos estamos e que a nossa vida, projetos e tarefas para esse dia só farão sentido se realizados ao lado do nosso Deus. Repetir tal exercício, mas agora ao final do dia, ao “deitar-se”, é igualmente importante para os nossos filhos. É o momento de fechar o dia, de realizar uma introspeção, de olhar para trás e de perceber o que correu bem, o que correu menos bem e o que podemos, sob a orientação de Deus, melhorar. Quão gratificante é, seja ao “levantar-se”, seja ao “deitar-se”, meditarmos sobre a Palavra de Deus e instruímos os nossos filhos!

Como se não bastasse, Deus desafia-nos a termos presente os seus mandamentos, as Suas palavras, quer nas nossas mãos, “**as atarás como sinal na tua mão**” quer diante dos nossos olhos “**e te serão por frontal entre os olhos**”. Sim, precisamos, numa época e num meio de tão influentes e absorventes meios de comunicação e de entretenimento, percebermos

que a Bíblia deve estar nas nossas mãos, diante dos nossos olhos, lida, estudada e praticada diariamente. Mas sejamos honestos conosco mesmos, o que tem realmente estado em nossas mãos e diante dos nossos olhos?

Finalmente somos convidados a escrever **“nos umbrais de tua casa e nas tuas portas”** os preceitos e os valores divinos. Sim, é importante que a nossa casa, o nosso lar, seja um lugar onde Deus é convidado a entrar e a permanecer, um convidado de honra que se sente em “casa”. Temos nós reservado lugar para Deus nos nossos lares e nas nossas vidas?

Deixando o Velho Testamento e procurando no Novo Testamento, muitos textos poderiam ser lembrados e que nos ajudariam a perceber o que é o conhecimento e o que Deus espera que façamos com esse conhecimento. Mas há um texto que, pela sua força e projeção futura, nos poderá ajudar a perceber qual deve ser o nosso enfoque, a nossa maior meta. **“E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”** (João 17:3). Sim, este é o principal dos conhecimentos que podemos possuir e construir em nós próprios e transmitir aos outros, Deus é o nosso Pai que jamais nos esquece ou abandona e que enviou o Seu único filho, Jesus Cristo, para nos salvar e nos garantir a Vida Eterna. Que maior conhecimento ou ensinamento podemos ter e querer transmitir aos nossos filhos? Não é esta a essência das nossas vidas, a chama que aquece os nossos corações? A alegria do nosso testemunho? O motivo para, abnegadamente, servirmos e educarmos?

Conclusão

Estamos a terminar a nossa reflexão, eis então algumas conclusões para nossa análise e eventual pesquisa e decisão.

Para muitas pessoas o conhecimento é meramente teoria, é um ato intelectual, um ato da razão. Para nós, Adventistas do Sétimo Dia, o conhecimento é, para além disso tudo, prático, experimental e relacional. Para além do Saber Saber, importa o Saber Fazer e o Saber Ser. Deus espera que cada um de nós construa conhecimentos com sabedoria, com discernimento, com equilíbrio e com coerência entre o saber e o fazer, entre o dizer e o ser.

Somos, por isso, convidados a sermos Mordomos do conhecimento, a sabermos administrar cuidadosamente o conhecimento que adquirimos, eliminando o que não interessa e retendo o que é fundamental. Enquanto educadores que somos: pais, membros de igreja e profissionais de educação, cabe-nos a nós educar as crianças e jovens que Deus nos confia, divulgar-lhes aquilo que conhecemos e sabemos, educá-las para este mundo, mas sobretudo para o mundo vindouro, para a Pátria Celestial. Desta forma, é necessário analisarmos as nossas escolhas e as nossas estratégias educativas. Será que neste capítulo da nossa responsabilidade, o conhecimento que possuímos é meramente teórico e nada prático? **O que será que nos falta para decidirmos colocar na prática o que possuímos e aceitamos como teoria e como sendo a vontade divina? Que**

decisões Deus espera que façamos? A realização do culto familiar diário em nossos lares... o envolvimento dos nossos filhos nas excelentes atividades que os mais diversos Ministérios da Igreja disponibilizam... a matrícula dos nossos filhos numa Escola Adventista? **Para sermos bons e fieis mordomos, temos que conhecer, acreditar, decidir e aplicar.**

Que honra e privilégio este de, enquanto mordomos, construirmos e transmitirmos conhecimento. Saibamos perceber, atualizar e aplicar o seguinte conselho judaico: **“É um dever absoluto para cada pessoa passar meia hora por dia pensando sobre a educação da Torá dos filhos, e fazer tudo que puder – e além do seu alcance – para inspirá-los a seguir o caminho ao longo do qual estão sendo guiados”**. Pensemos nesta importante responsabilidade, 30 minutos diários poderão ajudar os nossos filhos a alcançar a Vida Eterna!

Apelo

Prezado **pai, mãe, membro de Igreja e profissional de educação**, enquanto mordomo do conhecimento de Deus, um educador envolvido e consagrado, que exista sabedoria vinda do alto, discernimento e equilíbrio. Que as escolhas na e para a educação das nossas crianças e jovens, sejam coerentes, úteis e agradáveis aos olhos de Deus e centradas na Vida Eterna.

Amigo **criança e jovem**, conhece este Deus maravilhoso, experimenta a Sua amizade e amor. Procura examinar tudo, peneirar os conhecimentos de forma a reteres o bem, a construíres para o mundo vindouro, para a eternidade.

Juntos, continuemos a aguardar ativamente a vinda do nosso Salvador e esse momento solene e especial, o de estudar e ser educado por Jesus Cristo, pela eternidade, na escola do céu.

Que Deus abençoe cada um dos seus filhos e a Educação Adventista em Portugal e no mundo e que jamais nos esqueçamos de que o conhecimento pode transformar vidas.

E **“Se algum de vocês tem falta de sabedoria (conhecimento), peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida”** (Tiago 1:5).

Tiago Alves
Diretor do Departamento de Educação da UPASD
março de 2016

Nota

O presente sermão, proposta do Departamento de Educação para apresentação no Dia de Educação, 23 de abril de 2016, nas Igrejas ASD de Portugal, pelo pastor ou por outro pregador indigitado para o efeito, surge como um ponto de partida, uma simples reflexão que certamente será enriquecida por quem a utilizar. Deus certamente tocará o coração daqueles que apresentarem a Sua palavra e daqueles que a ouvirem, alegrando-se pela nossa preocupação em educar para a eternidade as crianças e jovens que nos confia. Celebremos com júbilo e alegria o Dia mundial da Educação Adventista, oremos juntos para uma efetiva e saudável parceria entre Lares, Igrejas e Escolas, no alcance dos motes da UPASD “Viver Mais” e do Projeto Educativo da Rede Escolar ASD “Atreve-te”.

Propostas de Hinos

14 - Jubilosos te adoramos

425 - Que tempo já faz? ou 477 - Canção da Vida